

## Periferias: sua arte e sua visibilidade

Stefani Lima Primo<sup>1</sup>  
Adriana Vasconcellos<sup>2</sup>  
Chie Hirose<sup>3</sup>

**Resumo:** Relato de pesquisa de uma estudante do 1º. ano do ensino médio que reflete sobre as condições de vida, luta e de produção de arte na periferia de São Paulo. Na segunda parte, a autora dialoga com Paula de Oliveira Rezende, professora comprometida com a cultura de inclusão.

**Palavras-Chave:** vida na periferia; arte na periferia; educação para a inclusão.

**Abstract:** Some reflections of a young student of the first year of high school on the living conditions, and production of art in very poor quarters of São Paulo. In its second part, the article presents an interview with Paula de Oliveira Rezende, a teacher committed to an inclusive culture.

**Keywords:** São Paulo; poor quarters: living and production of art; inclusive education.

“O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, repensáveis através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”

(Milton Santos, apud CARDOSO DA COSTA, 2012, p.3)

“Punk da periferia”

Ter cabelo tipo índio moicano  
Me apraz!  
Saber que entraremos pelo cano  
Satisfaz! (...)  
Sou um punk da periferia  
Sou da Freguesia do Ó  
Ó, Aqui prá vocês!  
Sou da Freguesia...

(GILBERTO GIL, Site oficial, 2019)

### Introdução

Arte e empreendedorismo nas periferias são temas de extrema importância. Pois, falar da realidade, livre dos estereótipos de criminalização, mostrando o crescimento e a importância das criações artísticas e dos empreendimentos nas periferias, pode gerar interesse e reconhecimento por parte das pessoas. Boa parte dessa realidade não é divulgada por ser “*a priori*” visto como algo banal ou até vandalismo, mas é necessário saber do que se trata verdadeiramente para que se possa formar uma opinião abalizada.

<sup>1</sup> Estudante do 1º ano do Ensino Médio da EMEFM “Vereador Antonio Sampaio” (Zona Norte de São Paulo). Orientadoras: Profa. Adriana Vasconcellos, professora de Geografia & Profa. Dra. Chie Hirose.

<sup>2</sup> Orientadora. Professora de Geografia do Ensino Médio da EMEFM “Vereador Antonio Sampaio”

<sup>3</sup> Orientadora. Pós doutora Feusp. Profa. De Ensino Fundamental I da EMEFM Ver. Antonio Sampaio.

Pretendemos que este artigo sirva como uma janela para enxergar as favelas com outros olhos e entender a relevância do crescimento e divulgação das artes, criações, cultura, e empreendimentos da periferia em nosso cotidiano. Saber o que incentiva essas pessoas para criar e quais seus objetivos.

### **Empreender na favela?**

É sabido que as periferias são desprovidas de recursos, com muitas carências de infraestrutura e vistas como inferiores. Os moradores sofrem por conta de muitos problemas que envolvem esses espaços, como por exemplo: localização ruim, péssima qualidade de saúde e de ensino. Conseqüentemente, as pessoas anseiam por soluções para seus problemas.

Suponha que Maria seja uma mulher que mora em uma região periférica. Por conta da má qualidade de ensino e da falta de renda não pôde cursar uma faculdade, o que dificultou e diminuiu suas oportunidades de emprego.

As empresas exigem experiência, estudo, conhecimento de línguas estrangeiras e Maria não tem nada disso, portanto não consegue as vagas. Passa a fazer doces e salgados para vender e assim sustentar a sua família. Embora muito modesta, essa é já uma iniciativa para um empreendimento e essas ações são cada vez mais comuns nessas áreas.

O que motiva essas pessoas é sobretudo a necessidade e, quanto mais problemas existirem, mais tentativas de solução serão criadas e isso resulta em uma notável quantidade de novos empreendimentos, que não param de crescer.

O uso de redes sociais também impulsionam esse crescimento, colaborando para divulgação, comunicação, facilitação de compra e venda etc.

A visão que indiscriminadamente criminaliza essas pessoas dá-se pela apressada generalização com base em alguns que optam por outros meios que não os empreendimentos: roubo e tráfico, por exemplo. E esse é mais um dos problemas que assola essas regiões.

Entretanto, hoje há ONGs e movimentos que impulsionam e incentivam essas ações, como é o caso do programa Aceleração Vai Tec – Programa de Incentivo a Iniciativas Tecnológicas – VAI TEC (FUNDAÇÃO, 2018), que tem como objetivo estar presente nas regiões com o menor índice de geração de empregos por habitante, e a Agência São Paulo de Desenvolvimento (ADE SAMPA, 2019), que atua juntamente com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho visando contribuir para a competitividade da economia, redução da desigualdade regional, geração de emprego e renda, o empreendedorismo, economia solidária e inovação de tecnologia, oferecendo cursos e oficinas para a população.

Embora ainda insuficientes, medidas como estas estão sendo tomadas de ambos os lados. Bem ou mal, as pessoas, pressionadas pela necessidade, estão se mobilizando pelo emprego e renda; a tecnologia contribui para o desenvolvimento e estão sendo criadas organizações que investem e impulsionam essas ações.

### **A voz das periferias é a arte**

A palavra arte traz consigo muitos significados e definições carregadas de subjetivismos, porém, independentemente de sua consideração, é inegável que a arte em todas as suas formas contribui de maneira significativa para a cultura e para a

emancipação das pessoas de uma região. E as pessoas e a região deixam sua marca nas criações artísticas.

O Brasil tem como característica uma cultura rica e diversificada, mas, para além do lugar comum, uma parte dessa diversidade não recebe consideração e reconhecimento. No meu caso, sou moradora da Freguesia do Ó/Brasilândia, periferia ao menos do ponto de vista social, dada a pobreza e a pouca visibilidade (claro que, em São Paulo, há outras regiões em condições ainda piores). Qualquer projeto em benefício da população da região custa a sair do papel e, quando chega a ser realizado, é de modo extremamente vagaroso. Os alunos das escolas públicas são pobres e, em muitos casos, extremamente pobres...

A Subprefeitura da Freguesia/Brasilândia é composta por dois distritos: Freguesia do Ó e Brasilândia, que somados representam 31,5 km<sup>2</sup> e mais de 400 mil habitantes. Os problemas locais, como carências no transporte público, na saúde e de lazer, são conhecidos.

Imortalizada por Gilberto Gil na canção “Punk da Periferia”, a Freguesia do Ó é a única região que conserva em seu nome a denominação antiga para “bairro”. A área tem 10,50 km<sup>2</sup>, distribuídos por 49 bairros, que abrigam uma população de aproximadamente 264 mil habitantes. O Distrito Freguesia do Ó é um dos bairros mais antigos de São Paulo (1580). Por isso mesmo, ele ainda guarda várias características do século passado como árvores centenárias, construções antigas e o Largo da Matriz, localizado em uma das colinas da Freguesia. (CIDADE DE SÃO PAULO, 2019)

O Distrito da Brasilândia tem uma área aproximada de 21,0 km<sup>2</sup> sendo o 7º distrito mais populoso do município, cerca de 280 mil habitantes. Na década de 30, alguns sítios e chácaras de cana de açúcar foram se transformando em núcleos residenciais, na zona norte da cidade de São Paulo. O crescimento de sua ocupação veio a formar o bairro denominado Brasilândia.

O bairro também recebeu um grande fluxo de migrantes do nordeste do país, que fugiam da seca em seus estados nas décadas de 50 e 60, além de famílias vindas do interior do estado, em busca de oportunidades de trabalho. (CIDADE DE SÃO PAULO, 2019)

Como dissemos, a região e as pessoas interferem nas criações artísticas e assim, por exemplo, a música, de algum modo, traduzirá a precariedade do cenário e a insatisfação das pessoas da periferia, do mesmo modo que a arte europeia traz o cenário europeu ou a música americana é marcada pelo cenário americano.

Na grande maioria das vezes é possível observar que a arte das periferias, como o rap e o grafite, trazem uma mensagem que manifesta os problemas e as dificuldades de viver nestes ambientes.

Geralmente este conteúdo é apresentado de forma simples, justamente pela falta de condições dos criadores, o que resulta em apresentações em praças, escolas e ambientes públicos em geral. Esse fator, em muitos casos, é “aproveitado” para consolidar uma imagem estereotipada por parte dos governos e das classes abastadas.

### **Por que a entrevista?**

Tendo consciência das limitações de minhas vivências e experiências, resolvi fazer uma entrevista que pudesse corroborar e ampliar meu relato com alguém que estivesse em sintonia com este Projeto do qual estou participando.

A pessoa ideal, a meu ver, é Paula Rezende, que foi minha professora do 4º ao 9º ano. Além dos anos de convívio, pesou na escolha a minha enorme admiração por essa educadora, que mesmo nas precárias condições da escola em que leciona, sabe abrir, com entusiasmo, amplos horizontes em suas aulas e nas atividades que promove. Em grande parte devo a ela meu amor pela leitura e pelo escrever.

No dia 6 de setembro de 2019, conversamos por mais de duas horas na E.M.E.F. Maria Aparecida Rodrigues Cintra, sua escola (na qual, já atuou como Cordenadora Pedagógica, dá aulas de português e literatura e é professora da sala de leitura).

### **Entrevista com a Profa. Paula de Oliveira Rezende**



Professora Paula O. Rezende

**Stefani** – Você, como professora de sala de leitura, de literatura, que convive com alunos de várias idades – tanto os bem pequenos quanto os maiores –, qual a importância que você vê no incentivo da criação autoral desses alunos: não só a cópia, mas a possibilidade de eles realmente pensarem e usarem suas próprias palavras para manifestar o que eles acham intrigante, interessante?

**Paula** – Na verdade, eu acho que é importante desde pequeninhos dar voz, principalmente para os alunos da escola pública, porque a gente vive em um mundo desigual. Na verdade é assim: é histórico, é uma dívida histórica. Se você pensar na história e em todo o processo, a gente sabe que os alunos que vêm para a escola pública, eles são afetados por todo esse processo de negação, de interiorização por conta da classe social, por exemplo. Então, dar voz para os alunos de escola pública é você deixá-los como protagonistas da sua própria história. Você os motiva, você cria a autoestima para que ele entenda: “eu posso, eu sou capaz, não é porque eu estou na escola pública ou porque eu moro na comunidade, ou não tenho algumas coisas que deveria ter, que eu não sou capaz”. E, na verdade, deveria ter. O estado tem o dever de garantir isso mas não o faz... Como se rebelar em relação a tudo isso que acontece?

A poesia, é uma forma de protesto? É uma forma de se rebelar? Porque você pode sair quebrando tudo, mas você pode também, de uma outra forma, fazer uma poesia na qual você fala em detonar todo esse sistema. Você usa a sua potência de uma outra forma, não é? E pode ser que a sua poesia, a forma como você fala e coloca o seu pensamento – digamos, numa música, rap, ou poesia – atinge muito mais do que ações fisicamente violentas.

Claro que cada um tem a sua forma de protestar, mas a arte empodera as pessoas. A arte faz com que você veja sentido nas coisas e ajuda a entender o processo histórico. Se você entende de onde você veio e qual seu papel no mundo, você vai usar isso a seu favor e aí vai entender também que não vai ser submisso. Você vai ter noção e consciência do “eu posso”, desde pequenininho. Se você vai dando voz às crianças, para chegar, por exemplo, numa aula e aí você passar um trabalho, e ela falar assim “Nossa eu nunca fiz isso, eu vou tentar!”. E a criança vai olhar e vai ver que o que ela fez é bom e aí ela vai se inspirar e aquilo pode se transformar em algo muito bom.

Eu acho que a arte, principalmente nos dias de hoje, é fundamental: é uma forma de a gente não se render ao que eles querem que a gente seja; que, especialmente os alunos da escola pública, tenham papel secundário na sociedade. E eu, como professora de escola pública, e como aluna de escola pública também, sinto que é meu dever promover isso, contribuir para que as crianças e os adolescentes aqui da escola despertem. Porque foi por conta de professores que eu despertei. É claro que cada um desperta de uma forma; a forma que eu encontrei para devolver ao mundo tudo que eu aprendi e para mudar o mundo, foi sendo professora. Mas você pode mudar o mundo sendo poeta, por exemplo, outras pessoas podem escutar seus versos, uma música, enfim, e transformarem tudo, assim como uma aula pode transformar uma aluna, né? (risos)

Então, isso é importantíssimo, não tem como desvincular a educação da arte, e devemos ver a educação como forma de transformar o mundo. Se a gente tem essa visão de que temos todo esse poder – o poder da periferia mesmo –, eu acho que a única forma de mudar o que está posto (ainda mais agora com esses governos) é pela arte (daí o medo que eles têm da arte). Se não for assim, a gente vai ser eternamente dominado.

E aí você usa essa sua indignação, você tem que protestar, mas como? Parece que tá todo mundo inerte, tá acontecendo um monte de coisas ruins e ninguém faz nada, mas, felizmente, há muita gente fazendo muita coisa, muita coisa legal; lutando, nas escolas. Na época que eu estudava não era assim, não havia professores que mostrassem um outro lado, sabe? Que discutissem as coisas, que oferecessem um currículo que não fosse o que já estava posto pela sociedade, algo pra gente pensar além, eu não tive isso até o cursinho. E aí, quanto mais cedo a gente discute coisas como, por exemplo, diversidade de gênero; discutir isso com as crianças, fazer trabalhos pra empoderar mesmo pra eles entenderem essa questão, é isso que faz com que a gente transforme a educação, a escola pública de uma forma geral, porque são crianças que vão crescendo com consciência de diversidade, de respeito.

Assim, se você pensa, já vai agindo em seu círculo, fala com as pessoas que te cercam, você agindo de forma diferente do que as que querem impor para a gente como certo, você já tá se colocando no mundo. Por isso eu trabalho bastante, por exemplo, a questão do empoderamento das meninas, principalmente, porque a gente vive numa sociedade machista, em que desde pequenas as mulheres internalizam que elas tem um papel secundário e claro que não é assim.

**Stefani** – Qual é a diferença entre considerar, por exemplo, uma pintura de um europeu, como a Mona Lisa, que está em um museu famoso e considerar uma pintura de um negro, de periferia, pintura que, talvez, tenha a mesma representatividade para ele? Qual a diferença desses quadros? Por que você acha que o europeu tem tanto reconhecimento enquanto o do negro da periferia não tem?

**Paula** – Na verdade, a sociedade não dá a mesma importância, isso é fato, porque é um processo histórico, quando você entende a história, você entende isso. Nós fomos colonizados por portugueses, por brancos, uma sociedade que acredita ser superior e aí, no Brasil, houve todo um processo histórico de escravidão e tudo que não era branco, que não tinha o perfil do colonizador não era bem visto...

Quando os escravos teoricamente foram libertos não tiveram nenhum tipo de estrutura para que pudessem ter igualdade de direitos, para que eles construíssem suas vidas. Não, eles continuaram na miséria e daí se originaram as favelas, as comunidades... Então há uma carga preconceituosa que vai passando de geração em geração e o que é da periferia não é bem considerado: o grafite, é pichação, mas se for um grafiteiro que vai fazer um mural na Europa, aí ele tem valor, porque ele está fazendo lá para o primeiro mundo.

A periferia precisa criar estratégias para ter o espaço e as pessoas da própria periferia valorizarem o que foi feito ali, porque se a gente for esperar dessa sociedade, isso não ocorrerá: eles sempre vão achar que o que é da periferia é ruim e o que é deles é superior. Isso é uma questão histórica, da ideia de “superioridade” de raças mesmo, e no Brasil, de uma forma geral, quem estabelece o que é certo e o que é bonito é essa sociedade na qual manda quem tem o dinheiro. Nos livros, a princesa, é a branca do cabelo loiro e olho azul; o belo são os quadros dos museus da Europa; se for um museu lá do nordeste que está exibindo xilogravura e cordéis, por exemplo, não presta.

Como mudar isso? Dando voz à periferia, de uma forma geral. A arte da periferia tem que começar por ganhar força dentro da periferia. Quando o pessoal da periferia, começar a ter acesso fácil a universidade, começar a entender todo o processo, aí sim, as pessoas começarão a respeitar as diferentes culturas.



Profª Paula com seus alunos de EMEF Maria Aparecida Rodrigues Cintra em 2018.

**Stefani** – Passaram-se muitos anos desde a suposta abolição da escravatura, muitas pessoas dizem que não existe mais racismo, outras acreditam que exista racismo reverso. Você acredita que realmente houve alguma mudança em relação a isso ou você acha que o racismo ainda continua com o mesmo peso desde a época da escravidão? Há (ou houve) ONGS que investem nas periferias, no empreendimento periférico, na arte, o que de fato ajuda, mas, do seu ponto de vista, isso não passa de uma tática, para poder falar que há, sim, ajuda. O que você pode nos dizer sobre isso?



Teatro-dança da música do Gabriel o Pensador: “Até quando”. Prof<sup>ª</sup>. Paula é a 2<sup>ª</sup> à direita em pé, e a autora é a que está com a máscara “Polícia” - 2017.

**Paula** – Para começar, não existe racismo reverso. Eu sou branca e nunca sofri preconceito pela cor da minha pele, nunca. Então, que racismo é esse? Nenhum branco é inferiorizado pela cor da pele, ou é? Não é, então ponto, isso não existe. Na verdade é aquilo que desde o começo estou falando: a gente precisa entender todo o processo histórico. Na verdade a sociedade tem uma dívida histórica com o povo negro, isso é fato, eles não tiveram oportunidade nenhuma, então falar em sistema de cotas, por exemplo, tem que ser dado sim, é uma forma de você pagar essa dívida, colocar essas pessoas na universidade.

E quanto à questão das ONGS, eu acredito que há iniciativas que de fato visam ajudar, incentivar, dar voz, isso é fato, existe, mas também há pessoas que querem se aproveitar, abatendo o imposto de renda, ou empresas que fazem isso, para parecer que são boazinhas e que querem ajudar, mas no fim não é uma ajuda que de fato mostra que acreditam que aquele espaço possa ter voz: é uma questão de troca, faz aqui porque a gente recebe ali. Talvez, se eles não recebessem ali, eles não fariam. Então eu acredito que há muita gente boa, acho que a questão do racismo, ela é muito forte no nosso país. O que melhorou, é que há muitas pessoas se organizando em movimentos, e isso faz com que as pessoas resistam e elas tenham esse apoio desses grupos. Agora, dizer que não há racismo no Brasil e que todo mundo tem os mesmos direitos é um absurdo. É fato, só bater o olho lá na Febem, olhar a cor dos meninos, e você vai ver que não. Não é que eles são maus, é toda a velha questão histórica, de sociedade, de não ter oportunidade. Para mudar isso, só pela educação, dando essa voz

para a periferia porque se for para esperar iniciativas do governo, não vai mudar nunca.

**Stefani** – Você acha que seria válido levar um pouco dessa cultura da periferia para escolas particulares, por exemplo? Assim como, às vezes, há projetos como o de levar francês para as escolas públicas, não caberia levar para a escola particular um projeto de grafite ou de cultura africana?

**Paula** – Eu acho que sempre é válido você divulgar e mostrar a sua arte e o que eu acho que ainda é mais importante é fortalecer isso nas próprias comunidades, porque o que eu sinto é que as pessoas que moram nas próprias comunidades, às vezes, não conhecem os projetos e não têm essa consciência, esse empoderamento. Então eu acho que é mais importante fortalecer a periferia, porque o melhor não é as comunidades se mostrarem para uma escola particular, “olha eu estou aqui”, mas, sim, que surja o interesse de fora, para eles falarem: “nossa que legal, isso aqui que vocês fazem é muito interessante”. Por isso, quando você fortalece a base é mais fácil pra você ter essa difusão de tudo o que é produzido pela periferia.

O essencial é essa base bem fortalecida. Seria interessante, claro, ter um projeto no sentido que você apontou, mas evitando que seja algo que apresente a periferia como exótico ou como objeto de caridade assistencialista, eles achando que estão fazendo para ajudar os pobres, e não é isso. A arte tem que vir e gerar interesse, tem que ser mostrada sua potência, periferia não tem que ser exótica, ela tem que ser potente, sem depender do julgamento do outro. Eles tem que ver a evolução, o fortalecimento, negros nas universidades, alunos críticos. Claro que isso gera é medo em diversos setores: eles não querem que o aluno saia da escola pública pensando, eles querem que você saia daqui com conhecimento para docilmente operar máquinas e executar as tarefas que lhe forem impostas.

## Referências

ADE SAMPA - Empreender para transformar. 2019. Disponível em <http://adesampa.com.br/> (acesso em 12/09/19).

CARDOSO DA COSTA, E. O. **A construção das identidades dos professores...** Diss. Mestrado, UFRRJ, 2012. Disponível em [http://www.ufrj.br/posgrad/ppgeduc/paginas/docs\\_dissertacao/2012/EulerCosta.pdf](http://www.ufrj.br/posgrad/ppgeduc/paginas/docs_dissertacao/2012/EulerCosta.pdf) (acesso em 12/09/19).

CIDADE DE SÃO PAULO – Subprefeitura Freguesia Brasilândia. 2019. Disp. em [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/freguesia\\_brasilandia/historico/index.php?p=142](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/freguesia_brasilandia/historico/index.php?p=142) (acesso em 12/09/19).

FUNDAÇÃO Telefônica **Empreendimentos da periferia participam de programa de aceleração.** 2018. Disponível em <http://fundacaotelefonica.org.br/noticias/empreendimentos-da-periferia-participam-de-programa-de-aceleracao/> (acesso em 12/09/19).

GILBERTO GIL **Site oficial,** 2019 [http://www.gilbertogil.com.br/sec\\_musica.php?page=5](http://www.gilbertogil.com.br/sec_musica.php?page=5) (acesso em 12/09/19).

Recebido para publicação em 13-09-19; aceito em 15-10-19